

## CONTÍNUOS RASCUNHOS DE SI: ASPECTOS DA CRÍTICA GENÉTICA DE PHILIPPE LEJEUNE

Ana Amélia Coelho<sup>1</sup>

### Resumo

Pretendo levantar possibilidades de leitura dos estudos de Lejeune, adotando a perspectiva da crítica genética. Com isso, perceber que não somente a crítica genética é uma das linhas de trabalho de Lejeune, mas a totalidade de sua obra carrega pontos de contato com esse tipo de abordagem.

Palavras-chave: Philippe Lejeune. Crítica genética. Autobiografia

### Abstract

My aim in this article is to read Lejeune's works from a genetic criticism perspective. When we choose this viewpoint, we can perceive, on the one hand, that this kind of criticism is one of frameworks used by him and, on the other hand, that the whole of his research establishes all sorts of links with genetic criticism.

Keywords: Philippe Lejeune. Genetic criticism. Autobiography.

### 1.

Georges Perec abre sua *Vida modo de usar* (2009) com um preâmbulo. Nele, faz considerações sobre os quebra-cabeças, os puzzles, atentando inicialmente para a aparente banalidade do jogo. E essa pouca importância se estenderia para as suas peças: “considerada isoladamente, a peça de um puzzle não quer dizer nada” (PEREC, 2009, p. 11). Ela vale pela relação tramada com as outras, nos encaixes possíveis a partir de seus diferentes tipos – montadas, em conjunto, as peças desaparecem, dando lugar à estrutura de que fazem parte. Só que é justamente nesse movimento de encaixe que se encontra o desafio do puzzle, a cilada. No momento da criação: “[...] não é o assunto do quadro nem a técnica do pintor que fazem a dificuldade do puzzle, mas a sutileza do corte” (PEREC, 2009, p. 12); o recorte da paisagem não deve ser aleatório, mecânico como feito por uma

---

<sup>1</sup> FFLCH-USP, CNPq.

guilhotina, mas pensado com rigor. Assim, cada pecinha carregará armadilhas que os bons jogadores tanto apreciam. Isso porque:

[...] apesar das aparências, não se trata de um jogo solitário – todo gesto que faz o armador de puzzles, o construtor já o fez antes dele; toda peça que toma e retoma, examina, acaricia, toda combinação que tenta e volta a tentar, toda hesitação, toda intuição, toda esperança, todo esmorecimento foram decididos, calculados, estudados pelo outro (PEREC, 2009, p. 14).

Ora, mesmo irrisória se considerada à parte, cada peça de um bom puzzle deve trazer os diferentes matizes e formas da estrutura que compõe. Deve enganar o jogador, fazer com que ele acredite que ela faz parte de uma série de encaixes possíveis. Como nos explica Perek, “a resolução do puzzle consistirá simplesmente em tentar, uma após outra, todas as combinações plausíveis” (PEREC, 2009, p. 13).

Coloco-me aqui como num jogo de quebra-cabeças – um jogo no qual a posição das peças, bem como os papéis de construtor ou jogador, são permutáveis, aglutinam-se e desdobram-se.

A imagem do puzzle pode ilustrar um estudo em crítica genética. Tendo em vista um enigma a ser solucionado, o pesquisador busca a constituição uma paisagem, a partir de peças que ao mesmo tempo foram e não foram produzidas por ele. É justamente na variedade dos possíveis – e mesmo de oposições, contradições e paradoxos – que reside a riqueza e o desafio desse tipo de trabalho.

## 2.

Philippe Lejeune atuou como professor na Universidade Paris-Nord e desenvolve seu trabalho em torno do gênero autobiográfico. Seus textos, notadamente *Le pacte autobiographique*, são referência para grande número de estudos.

O pacto autobiográfico conduz as primeiras obras de Lejeune. Publicadas entre 1971 e 1986, reúnem textos de caráter teórico sobre o gênero autobiográfico, estudos sobre as *Confessions* de Rousseau, *Les mots* de Sartre, assim como a obra literária de Leiris e Gide.

O pacto autobiográfico pode ser definido como testemunho da relação do sujeito da enunciação com seu ato de escrever; nele, o texto reflete sobre suas condições de enunciação. O pacto diz que se diz, escreve que escreve, faz fazendo.

Pelo pacto, segundo Lejeune, o “ato de escrita [é] colocado em cena” (LEJEUNE, 1998a, p. 49, tradução minha), em primeiro plano; textualmente, o

enunciador, consciente de seu ato, trata de sua própria escrita e de suas circunstâncias. Nesse sentido, pode ser lido como documento preparatório, programático – juntamente com paratextos que acompanham a obra publicada, bem como correspondências e entrevistas em que o autobiógrafo comenta o projeto de escrever sobre sua vida. Eis um dos pontos de vista de Lejeune em seus primeiros estudos no campo da autobiografia, notadamente os de Rousseau e Sartre. Suas autobiografias, por sua vez, realizadas em momento posterior a outras experiências de leitura e escrita, são textos que manifestam a posição de seus autores frente ao mundo e mesmo ao conjunto de suas próprias produções intelectuais.

A formulação do conceito de pacto autobiográfico se prestaria a um recorte genético: estaríamos diante do estudo do processo de criação de um conceito, não a partir de prototextos, mas estabelecendo eixos de leitura para as constantes revisões e reajustes em torno do alcance e dos limites do conceito, a que Lejeune se dedica continuamente.

Ademais, as flutuações em torno do conceito são incorporadas nas mesmas discussões teóricas sobre a autobiografia – como reflexos das mudanças observadas na criação literária e no gênero autobiográfico. Para tanto, em algumas delas, Lejeune se mune de rascunhos e notas, preparações de aula e comunicações, numa espécie de “autocrítica genética” – a partir de documentos que ele redigiu, o pesquisador examina seu próprio percurso.

Sem texto final (nem como ponto de partida nem como horizonte), mais do que fixar as bases para um estudo sobre a autobiografia, importa mostrar o caminho que o crítico traça nessa direção, mesmo sabendo que será sempre parcial, incompleto, em movimento – assim como o próprio gênero que se estuda.

### 3.

Em 1991, Lejeune organiza a fundação da *Association pour l'autobiographie et le patrimoine autobiographique*, com o objetivo principal de acolher escritos autobiográficos de todo e qualquer interessado, permitindo que sejam lidos e comentados, abrindo um espaço de diálogo até então difícil de ser colocado em prática. O trabalho realizado na associação propõe, segundo Lejeune, um outro tipo de crítica genética. Seria um “trabalho de campo”, coletivo, de autobiógrafos e leitores de autobiografias, em que se acompanha os traços não dos textos, mas das próprias pessoas que cotidianamente colocam em questão suas práticas de escrita.

Sua página na Internet, *Autopacte*, reúne informações sobre estudos que tratam da autobiografia, eventos e bibliografias. Nos últimos anos ele vem publicando gradualmente seus estudos sobre a origem dos diários, a partir de investigações pontuais em bibliotecas e arquivos franceses.

O estudo da prática diarística, sob a perspectiva genética, aparentemente não tem objeto, visto que uma entrada não possui prototextos; ela seria única e irrepetível, e se renovaria continuamente – ajustes e mudanças são observáveis no caso da passagem da prática à publicação. Por outro lado, trata-se de um espaço de reflexão sobre as práticas da escrita; permite olhares, correndo no fio do tempo, que, centrando-se na escolha de suportes, por exemplo, tomam esse aspecto como parte de um projeto. Nesses estudos sobre diários, de maneira análoga ao estudo em torno do pacto, Lejeune recorre por vezes à sua própria escrita pessoal, diários de adolescência, diários de pesquisa, rascunhos para apresentações.

#### 4.

De um livro a outro, os estudos se dirigem aos limites do literário; *Je est un autre* (1980) e *Moi aussi* (1986) trazem a preocupação com a variedade de manifestações do eu nos diferentes meios de comunicação, o arquivamento desse material, o trabalho coletivo envolvido na produção autobiográfica.

A partir de 1986, seus estudos escapam à autobiografia *stricto sensu*, tratando da escrita pessoal e cotidiana, principalmente dos diários. Ao mesmo tempo, ele estabelece contato com a equipe Sartre do Institut des Manuscrits Modernes (ITEM). Nesse instituto, participa da criação, em 1994, da equipe “Genèse et autobiographie”, dirigida por Catherine Viollet e Claudine Raynaud. Trabalhou em torno de paratextos de *Les mots*, de Sartre, dos projetos autobiográficos de Perec (*W ou le souvenir d'enfance*, *Lieux*, *Je me souviens*) e *Enfance* de Nathalie Sarraute, além do diário de Anne Frank. Dois livros reúnem esses trabalhos: *La mémoire et l'oblique* (1991) e *Les brouillons de soi* (1998); há também estudos pontuais publicados em periódicos e apresentados em eventos.

Em paralelo ao trabalho em torno dos diários, podemos relacionar os estudos em crítica genética de Lejeune, iniciados em meados dos anos 1980, a um momento de transição, ou deriva, como ele mesmo define, de suas atividades e interesses. Ainda assim essa mudança de rumos já vinha sendo preparada.

O estudo da gênese de *Les mots* de Sartre se coloca numa linha de continuidade: em estudos anteriores, Lejeune havia demonstrado a natureza do recorte autobiográfico de Sartre. A partir do texto publicado, operou sobre ele um novo recorte, diferente daquele que o texto apresenta (duas partes, intituladas “Ler” e “Escrever”), dividindo-o numa estrutura de peça teatral em cinco atos. A esse primeiro trabalho seguiram-se outros, que tomaram como objeto entrevistas e documentários, posteriores à publicação de *Les mots*, em que Sartre fala de sua trajetória.

A imagem da peça teatral permanece válida no estudo que contou com os documentos preparatórios para a autobiografia, feito em equipe. Nos dez anos de sua redação, Sartre fez modificações e ajustes em suas memórias de infância, que ferem a ordem cronológica que poderia se esperar de um relato de vida. O que nos leva a considerar que, como afirma Lejeune: “a ordem de uma vida não é a do calendário, mas do caminho que o espírito deve percorrer para compreendê-la” (LEJEUNE, 1998b, p. 209, tradução minha).

Nesse sentido, Lejeune busca novos pontos de sutura, as marcas de cada peça que compõe a paisagem do conjunto da produção autobiográfica sartriana: dos livros publicados aos documentários, entrevistas e documentos.

Essa visão de conjunto, que Lejeune dá às obras de Sartre, se estende também ao estudo em torno da gênese de *W ou le souvenir d'enfance*. Os documentos de sua investigação o levaram a abordar uma variedade de projetos autobiográficos.

Perec havia identificado e programado um projeto autobiográfico em que a verdade é associada à experimentação formal. Ao longo do trabalho de realização desses projetos, movidos por *contraintes* (e aqui podemos considerar a restrição formal como parte de um projeto), esse desejo de verdade encontra sua expressão por vias indiretas.

De maneira geral, Perec trabalha em torno das lacunas de memória, dos silêncios, das maneiras de esquivar, por meio da acumulação de informações e do seu registro. Seu projeto não se estabiliza, não tem síntese ou ponto de chegada. O mais importante nos textos autobiográficos de Perec, segundo Lejeune, é a montagem, a maneira com a qual eles são apresentados ao leitor. Cabe ao leitor engajar-se no jogo proposto e aceitar suas ciladas.

Nesse trabalho de leituras paradoxais a verdade engana, o esquecimento conserva a memória e a *contrainte*, ao mesmo tempo em que, calculadamente, obriga o escritor a escrever, também coloca, entre os fragmentos desses escritos, as lacunas entre uma frase e outra, silêncios que não deixam rastro algum. Isso porque, entre a leitura e a escrita, há ao mesmo tempo uma relação íntima e enganadora. Pela leitura buscamos reconstituir um processo de escrita: o que advém dessa tentativa não é outra coisa senão outro processo de escrita, diferente daquele que tínhamos em mente.

Essa perspectiva ambígua, e fundamental para o trabalho de crítica genética, é também colocada em discussão no estudo sobre a gênese do capítulo 2 de *Enfance*, de Sarraute.

*Enfance* se organiza como um diálogo: nele episódios de infância, explorados na memória, entram na discussão dos dois interlocutores. A técnica do diálogo de Sarraute, já empregada em outras produções ficcionais e para o teatro, aqui faz pensar numa certa fluidez da comunicação oral, e numa rigidez dos papéis: enquanto uma voz conta um episódio da infância, a outra o desconstrói. Todavia, o exame dos manuscritos mostra que a modelagem da lembrança de infância passa por uma procura expressiva mais complexa do que a aparente naturalidade do diálogo.

Lejeune, frente aos manuscritos, se vê diante de um puzzle dos mais desafiadores. O que liga a encenação que figura na autobiografia e as marcas desse trabalho nos manuscritos parece ser mais o trabalho que liga um manuscrito ao outro, a montagem.

A noção de trabalho escritural está não somente no gesto, mas nos espaços em branco que essas marcas tornam deixam entrever. Para Perec, a escrita se sustenta num vazio de memória; a cronologia não dá conta da identidade que Sartre quer se forjar para si; as palavras ouvidas na infância de Sarraute são buriladas num trabalho de escrita. Lejeune tem documentos em mãos, objetos tridimensionais que não vemos; a imagem que ele nos dá está, como ele mesmo nos diz muitas vezes, em “perspectiva cavaleira” (“*vue cavalière*”). Essa expressão, do campo da arquitetura, designa a representação, muito usual, de um objeto tridimensional em duas dimensões. Nessa perspectiva, uma das faces do objeto é representada com grande precisão, enquanto as outras podem apresentar – inevitavelmente –

deformações. É nesse jogo entre traços fiéis e deformados que nossos olhos se movimentam.

## 5.

O trabalho crítico se desenvolve numa abordagem dupla: leitura de si que é feita a partir de uma leitura do outro – processo de releitura contínua de si mesmo. Lejeune se coloca em seus textos como um observador implicado em seu processo de criação.

Contaminada pela abordagem autorreflexiva de Lejeune, faço então minhas algumas perguntas que ele se coloca: “Comment devient-on 'généticien'? Pourquoi ne le suis-je pas devenu plus tôt ? Le suis-je vraiment devenu ? Et vais-je le rester ?” (LEJEUNE, 1998b, p. 143).

Como alguém se torna 'geneticista'? Porque não me tornei geneticista anteriormente? Tornei-me realmente um geneticista? E continuarei a ser um geneticista?

Estarei eu aqui de certa maneira fazendo um trabalho de crítica genética? Se sim, em que medida?

Esta comunicação é uma peça do meu puzzle. Uma peça que talvez se divida em outras, e mude de forma em função do ponto de vista. De que ela valeria se não desse a ver de que paisagem ela faz parte?

O puzzle não termina, mesmo porque não há modelo da paisagem final na caixa do jogo. As pecinhas em movimento carregam uma vaga lembrança do conjunto do qual elas vieram; não sabemos, no entanto, o quanto das cores do nosso olhar são miragens ou desejo que nos move.

Ainda assim, espero ter mostrado aqui meu flerte com a crítica genética. Um flerte que, como outros, espero eu, pode render mais do que o presente diálogo.

## REFERÊNCIAS

LEJEUNE, Philippe. *La mémoire et l'oblique: Georges Perec autobiographe*. Paris: POL, 1991.

\_\_\_\_\_. *L'autobiographie en France*. 2. ed. Paris: Armand Colin, 1998a.

\_\_\_\_\_. *Les brouillons de soi*. Paris: Seuil, 1998b.

PEREC, Georges. *A Vida modo de usar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.





PROLOGO.

Esta obra, y su baxo discurso, y su mucha que la tengan por la mas  
futil y vana de las que se ha escrito, así lo pensaron muchos; y yo lo he escrito  
al contrario, porq[ue] en todo soy la mas útil, y necesaria q[ue] se ha escrito  
que ademas de sacar á luz la lengua en la antigüedad entre estos indios  
con enq[ue] en todas las naciones de el Mundo se ha usado mucho tiempo, y  
trabajo he escrito grandes noticias de las cosas de la Honorable  
Compañia; y se dice, esta obra ademas, y noticias de las cosas de el  
Mundo, en su antigüedad, y de su conservación. entendiéndose por los  
historias de las cosas de estos indios, y tambien de las de la lengua  
castellana, y por ende lo escrito q[ue] a la fin de las cosas de el  
Mundo se ha escrito en q[ue] se dice de las cosas de los indios, porq[ue] dis-  
curre q[ue] ha sido mucho tiempo, q[ue] quien las sabe, y quien las sabe la  
lengua tendrán facilidad, en poderlo saber. esta obra se ha escrito  
á algunos q[ue] en es he ay de hablar de esta materia, q[ue] sea por no  
saber la lengua, ó por no tener aylo, en relacion aduñada, de cosa de  
otra lengua de estas historias, por esta razon conforma a razon, y a nu-  
estra se ha escrito como yo mismo lo he escrito de boca de un indio grande  
y q[ue] amo estar yo entendido ya por aylo de el, y se lo me por un indio  
al mismo indio por la grande antigüedad de esta persona, y de  
las personas q[ue] me enseñó a averlo así dicho. quien por un indio  
de indio me enseñó la verdad de el caso, y por ende me enseñó  
antes pudiese tomar esta materia en su mano, para ser escrito de  
muchos, y se ha escrito como he dicho, q[ue] ignoran la lengua, y no  
entendrán lo que se, ó por las falsas relaciones q[ue] se han dado.  
Es verdad q[ue] de el principio, y se empieza a hablar de Dios di-  
se cosas conformes a la fe catolica, y se catolica, aludiendo a lo q[ue]  
sabemos por revelacion de el espíritu Santo en las santas escrituras, pe-  
ro como quisiera q[ue] estos rebatieran en buelto en q[ue]l mentiras, y quon-  
tos, por lo deue dar mas credito a el q[ue] a el de mentiras falsas  
quien fue su autor, si no es, para enq[ue] ay, y por ende a estos miserables  
hallando tan impuras las verdades catolicas, como el la fuente de ado-  
proceden. como lo q[ue] me da por boca de el, sabiendo, caluina, Mahe-  
na, y otros herejes, para perder el christianismo; q[ue] aun q[ue] sea así  
q[ue] en buelto han buelto de las catolicas en sus doctrinas como rebatim-  
pion de las falsas inteligencias, y por ende contrarios a lo q[ue] el  
y gloria, tiene, y cree, y enseña, de ay q[ue] no se puede dar credito al  
quien semejantes en buelto.